



RADAR STOCCHÉ FORBES – FINANÇAS SUSTENTÁVEIS

Setembro 2020

Uma nova era energética

A edição de 18 de setembro de 2020 da revista The Economist reflete sobre o possível fim da “era do óleo”.

Com a pandemia da COVID-19 atingindo a economia global no início do ano, a demanda por óleo caiu mais de 1/5 e os preços colapsaram. Houve uma certa recuperação ao longo do tempo, mas é improvável que as coisas voltem a ser como eram antes.

Para o editorial da revista, já houve percalços na indústria do óleo no passado, mas este é diferente. Ao passo que o público, os governos e os investidores tomam mais consciência sobre a mudança do clima, a indústria da energia limpa vai ganhando momentum. É o que se vê no mercado de capitais, em que as ações do setor de energia renovável aumentaram 45% este ano. Além disso, com juros próximos de zero, políticos estão apoiando planos de infraestrutura verdes. O candidato democrata à eleição americana Joe Biden propõe despendar US\$2 trilhões na descarbonização da economia americana.

A União Europeia destinou 30% dos \$880 bilhões do seu plano de recuperação econômica de COVID-19 para medidas voltadas à crise climática, e a presidente da Comissão Europeia Ursula Von der Leyden usou seu discurso de *state of the union* nesta semana para confirmar que quer que a EU corte suas emissões de gases de efeito estufa em 55% em relação aos níveis de 1990 até a próxima década.

As perspectivas de uma nova era de energia limpa são boas para a saúde humana, a estabilidade política e econômica. O receio, contudo, é de que este movimento ocorra devagar demais em relação às perspectivas de aumento de temperatura global estimadas pela comunidade científica.

Esta notícia pode ser encontrada [aqui](#).



Emissão de títulos financeiros sustentáveis no país já supera os números de 2019

Segundo mapeamento conduzido pela Sitawi Finanças do Bem, a emissão de instrumentos financeiros sustentáveis no Brasil até 16 de setembro de 2020 já superou os números de 2019, mesmo considerando a desvalorização do real nesse período.

Em 2020, foram feitas 20 operações desse tipo somando US\$ 3 bilhões, em comparação a 19 operações totalizando US\$ 2,2 bilhões durante todo o ano de 2019.

Esse movimento é reflexo de uma dupla preocupação: o interesse dos investidores por produtos ASG e o interesse das empresas em se posicionar como sustentáveis dentro de tal contexto.

A título exemplificativo, artigo publicado pela Capital Reset destaca a recente emissão de *sustainability-linked bonds* (SLB) pela Suzano Papel e Celulose em valor igual a US\$ 750 milhões. Diferentemente do que ocorre com os *green bonds* – em que há uma destinação específica dos recursos obtidos –, os recursos captados via emissão de SLB não possuem destinação específica, mas os juros da emissão ficam atrelados ao cumprimento de metas sustentáveis em geral pela companhia.

Esta notícia pode ser encontrada [aqui](#).

Barreiras para os investimentos ASG no Brasil

De acordo com estudo realizado pela XP junto a seus investidores, alguns receios ainda afastam os brasileiros dos investimentos sustentáveis. Levantamento foi conduzido com 30 mil clientes com diferentes perfis de renda e tipo de investimento.

As principais desconfianças identificadas são relacionadas à rentabilidade desses investimentos e à real geração de impactos positivos. Há, portanto, grande preocupação de que esteja sendo realizado “*greenwashing*”, isto é, a prática pela qual as empresas se apropriam do discurso sustentável sem refletir em ações com positivo impacto socioambiental.

No que se refere à preocupação sobre o retorno financeiro, Robert Armstrong, editor de finanças do Financial Times, publicou artigo intitulado “*The dubious appeal of ESG investing is for dupes only*” em que critica os investimentos ASG por oferecerem retornos menores. Comentando suas conclusões, as economistas Andrea Minardi e Carolina da Costa publicaram artigo intitulado “*O apelo do ESG só atrai ingênuos?*” *Réplica: princípios corretos, conclusões dúbias*”.

Dentre outros pontos, as autoras indicam que não é possível partir da premissa de Armstrong de que as demais variáveis permanecerão inalteradas quando se pensa em retorno de investimentos, pois há alta probabilidade de mudanças regulatórias que afetem negativamente as empresas poluidoras do meio ambiente (notadamente as com altas emissões de carbono) e apresentem oportunidades para aquelas que serão “credoras” de carbono.

Apesar dessas preocupações, o levantamento realizado pela XP constatou alto índice de interesse em alocar parte do patrimônio em investimentos sustentáveis (63% afirmou que investiria mais de 10% de sua renda). A maior barreira, então, seria a do conhecimento. Com exceção dos clientes Unique e Private (de maior renda), em média 66% das pessoas declarou não ter nenhum conhecimento acerca do tema.

Estas notícias podem ser encontradas [aqui](#), [aqui](#) e [aqui](#).

Regulador de mercado de futuros americano conclui que riscos climáticos podem desencadear crise financeira

A U.S. Commodity Futures Trading Commission, órgão regulador financeiro estadunidense, encomendou a elaboração de análise sobre os riscos relacionados a mudanças climáticas para o sistema financeiro – o primeiro estudo dessa natureza feito a partir de um órgão regulador financeiro nos Estados Unidos. Representantes de grandes instituições como o Citigroup e Goldman Sachs participaram da elaboração.

Uma das conclusões trazidas pelo estudo foi de que os grandes incêndios da Califórnia podem ser um dos gatilhos para uma crise financeira provocada pela mudança climática. Os danos que inicialmente tinham impactos regionais (como ao setor de turismo e imobiliário) podem causar um efeito dominó de disrupções no mercado com impacto nacional. Com o aumento da frequência e da gravidade dos incêndios, o risco cresce a tal ponto que seguradoras têm se recusado a renovar apólices de localidades com alto risco de incêndios florestais.

Outra conclusão do relatório – esta destacada como fundamental – é de que o mercado financeiro só conseguirá alocar recursos eficientemente à redução de gases de efeito estufa por meio de precificação de carbono aplicável a toda a economia.

Além disso, o estudo concluiu que o aparato regulatório existente atualmente é suficiente para que se inicie um gerenciamento do risco financeiro-climático, mas que mais regramentos são necessários para uma resposta nacional coordenada.

Estas notícias podem ser encontradas [aqui](#) e [aqui](#) e o relatório pode ser acessado [aqui](#).

Bolsa atualiza índices de carbono e de desenvolvimento sustentável

Conforme divulgado pelo Valor Investe, a B3 pretende lançar um índice ESG com as empresas listadas no mercado brasileiro mediante atualização de seus índices de desenvolvimento sustentável e de carbono, em uma parceria com a Standard & Poor's (S&P). Essa nova carteira deverá ser analisada com foco nas empresas elegíveis de acordo com critérios ASG e filtradas de acordo com metodologia usada pelo S&P.

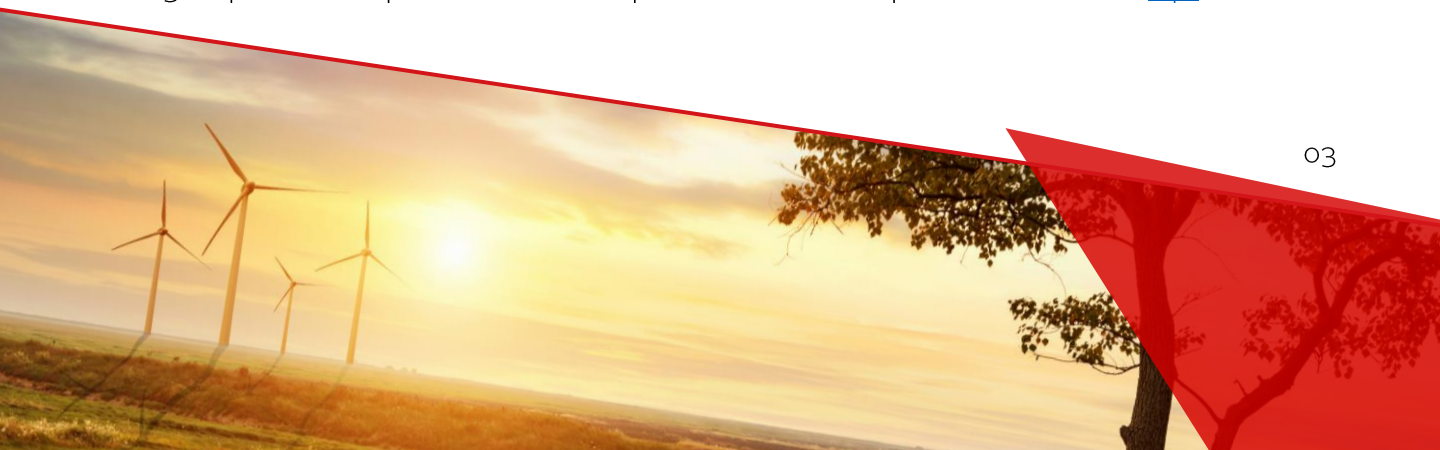
Essa atualização vai partir de duas ações: a revisão do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE) e a ampliação do Índice Carbono Eficiente (ICO2).

A carteira de 2020 do ISE tem 30 empresas (com 36 ações) com 40% do valor de mercado da B3. O questionário que avalia se uma empresa

pode integrar o ISE passará a ser setorizado, considerando setores como construção civil, óleo e gás, bancos, transportes, entre outros.

Com relação ao ICO2, a ideia é expandir sua carteira. O ICO2 tem atualmente 26 companhias com 28 ações correspondendo a 52% do valor de mercado da bolsa B3. A partir de 2021 serão convidadas a participar do indicador as 100 empresas mais líquidas que participam do índice IBrX-100, um índice que avalia o retorno de uma carteira composta pelas 100 ações mais negociadas da bolsa. Hoje o ICO2 é composto por ações de empresas que participam do IBrX-50 e que adotam práticas transparentes em relação às suas emissões de gases-estufa.

Esta notícia pode ser encontrada [aqui](#).



Contatos para eventuais esclarecimentos:

HENRIQUE FILIZZOLA

E-mail: hfilizzola@stoccheforbes.com.br

CAROLINE DIHL PROLO

E-mail: cprolo@stoccheforbes.com.br

MIRIAM SIGNOR

E-mail: msignor@stoccheforbes.com.br

JULIA FRANCO

E-mail: jfranco@stoccheforbes.com.br

RANA MORAZ

E-mail: rmoraz@stoccheforbes.com.br



Radar Stocche Forbes – Finanças Sustentáveis, boletim elaborado pelo time multidisciplinar de Finanças Sustentáveis do Stocche Forbes Advogados, com notícias de interesse sobre temas relacionados ao investimento responsável e à sustentabilidade no mercado financeiro e mercado de capitais.

Esse boletim tem caráter meramente informativo e não deve ser interpretado como um aconselhamento legal.

www.stoccheforbes.com.br